

# MEMÓRIAS E TRAÇOS IDENTITÁRIOS EM NUR NA ESCURIDÃO

## MEMORIES AND IDENTITY ASPECTS IN NUR NA ESCURIDÃO

Ana Maria Lisboa de Mello<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este artigo propõe-se refletir sobre o romance que revela processos de imigração e trocas culturais, construído com formas discursivas eleitas pelos escritores para, pelo acionamento da memória, revelar conflitos subjetivos complexos, seguidamente melancólicos, e formas de confronto com o outro. Esses processos de imigração deram lugar a uma escritura literária de caráter transnacional, já que a identidade dos escritores é composta, carregada de uma herança cultural que se mescla à do país de acolhida. O romance Nur na escuridão, de Salim Miguel, aqui focalizado, é um desses romances cujo narrador articula a sua memória à de sua família, sobretudo do pai, retornando ao passado, para dar ao presente outro grau de clareza e compreensão.*

**Palavras-chave:** Migração, Memória, Cultura, Romance.

**Abstract:** *This article aims to reflect on the novel that reveals processes of migration and cultural exchange, elaborated with discursive forms selected by novelists so as to reveal complex, often melancholic subjective conflicts by mobilizing memory, as well as forms of confrontation with the other. Such processes of immigration gave rise to a literary form of transnational character, in so far as the identity of writers is composite, imbued with cultural inheritances that blend with those of the receiving country. The novel Nur na Escuridão, by Salim Miguel, which is the focus of this paper, is one of these novels in which the narrator mixes his own memories with his family's, especially his fathers', traveling back to the past to create a new level of clarity and comprehension about the present.*

**Keywords:** Migration, Memory, Culture, Novel.

*L'identité n'est pas donnée une fois pour toutes, elle se construit et se transforme tout au long de l'existence.*

Amin Maalouf, 1998

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da PUCRS: ana.lisboa@pucrs.br

Pensar sobre o romance contemporâneo implica refletir sobre a emergência de temas e procedimentos narrativos, incluindo rupturas com a tradição, os quais buscam expressar a inquietação e a percepção do presente, tendo em vista que o escritor pesquisa soluções estéticas que lhe permitam interrogar o presente e sintonizar com suas questões fulcrais.

Destacam-se, na produção ficcional mais recente, principalmente nas últimas três décadas, narrativas em que o acionamento da memória pelo narrador, estilhaçada no fluxo do pensamento, associa-se à história, sobretudo à barbárie do século XX, que se configurou no genocídio dos judeus na Segunda Guerra, na Guerra Civil Espanhola, na violência dos processos de descolonização na África, nas ditaduras militares da América Latina. Entre esses romances que colocam em xeque a história, há aqueles que compõem a chamada literatura de testemunho. Nela o ficcional, com a sua força imagética, feita de silêncios e sugestões pungentes, “consegue evocar o que não pode ser diretamente apresentado ou representado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.380). Trata-se de uma escritura cuja tensão advém da narração de um acontecimento traumático, fruto de circunstâncias político-sociais adversas, seguidamente violentas, a respeito das quais é preciso testemunhar.

Semelhante a esse tipo de romance, surgem também narrativas voltadas aos processos de fuga de situações política ou economicamente desfavoráveis ou opressivas. Por diferentes razões, a humanidade se desloca motivada pela necessidade de escapar da violência, instada a exílios forçados ou impelida pela urgência de alcançar melhores condições de vida. Inumeráveis seres humanos não têm um abrigo fixo e protegido, sobretudo se pensarmos nesse último século, e partem para lugares nem sempre escolhidos, mas que oferecem a oportunidade de refúgio.

Esses processos de imigração deram lugar a uma escritura literária<sup>2</sup> de caráter transnacional<sup>3</sup>, produzida por escritores cuja identidade incorpora à herança familiar as novas experiências culturais vividas no *locus* de acolhida. A identidade desses escritores é compósita, em movimento, carregada da herança dos antepassados, mesclada à cultura do país de destino, como é o caso dos brasileiros Milton Hatoum, Salim Miguel, Michel Laub, Tatiana Salem Levy, entre outros. Nesses, a escritura literária revela um processo narrativo

---

2 Adotamos aqui a tradução do termo “écriture”, adotada por Leyla Perrone-Moisés, no livro *Texto, crítica, escritura*, pois, para Barthes, na palavra “escritura” está implicada “a relação que o escritor mantém com a sociedade, de onde sua obra sai e para a qual ela se destina” e “depende do modo como o escritor vive essa história e a pratica essa [a sua] língua”. Cf. Perrone-Moisés, 2005, p. 30.

3 Conforme Zilá Bernd, no contexto dos estudos canadenses, destacando as reflexões de Janet Paterson, o termo transnacional caracterizaria uma postura menos nostálgica em relação a perdas e apontaria para a oportunidade de uma vida nova no país de acolhida, lugar de trocas e enriquecimentos. Cf. BERND, 2013, p 214-215.

em que o narrador busca unir o presente e próprio passado às memórias e ao legado de seus antepassados, o que significa tentar reconstituir a própria história e a própria identidade, recordando o que foi recalcado – por vezes experiências traumáticas da família–, mas também preservando os hábitos, a língua materna, etc. Essa bagagem herdada se articula e convive com a cultura do país de chegada e com os novos conhecimentos e desafios.

Tais narrativas, escritas na língua do país de acolhida, deram origem, nos últimos trinta anos, sobretudo no Canadá, a certa produção teórico-crítica sobre a questão, das mais relevantes quantitativa e qualitativamente, para a compreensão do fenômeno e dos processos de movência identitária.

A identidade é aqui entendida como o conjunto de elementos que incluem, para a maioria das pessoas, “o pertencimento a uma tradição religiosa; a uma nacionalidade; a uma família mais ou menos ampla; a uma profissão; a uma instituição; a certo meio social...”, mas, como observa Maalouf, esta lista é ilimitada, porque nela se pode incluir o pertencimento a uma região, a uma pequena cidade ou aldeia, a uma paróquia, a um bairro e a muitos outros elos, pertencimentos que não têm igual importância e pode ser que, em cada fase da vida, um pertencimento se sobreponha aos demais (Cf. MAALOUF, 1988, p.19). Portanto, o termo identidade já carrega uma complexidade dentro de uma mesma cultura, com pessoas que pertencem ao mesmo país e falam a mesma língua e, evidentemente, as questões identitárias se tornam mais complexas quando se trata de um escritor imigrante ou descendente de família estrangeira.

Conforme Pierre Ouellet, em *L'esprit migrateur*, na noção de migrância – termo que no latim *migrare* significa mudar de lugar, emigrar, mas também ir de um lugar para o outro –, há implicitamente a ideia de transgressão<sup>4</sup>, através da qual o Eu se emancipa de sua identidade primeira:

É uma passagem ao *outro*, um movimento transgressivo do Um na direção do Outro, que infringe as leis do próprio, franqueia as fronteiras da propriedade ou da individualidade, para ir além, sempre, do lugar de onde veio ou de onde deriva a sua identidade, para melhor desfazer esse laço originário e renová-lo cada vez em um novo destino, outro devir que é também um devir *outro*<sup>5</sup> (OUELLET, 2005, p.19).

4 No sentido figurado, *migrare* ganha sentido de infringir, transgredir, violar. In: SARAIVA, F.R dos Santos. *Novíssimo dicionário Latino-português*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993. p. 736.

5 No original: C'est un passage à l' *autre*, un mouvement transgressif de l' Un vers l' Autre, qui enfreint les lois du propre, franchit les frontières de la propriété ou de l' individualité, pour aller au-delà, toujours, du lieu d'où l'on vient et d'où l' on tire son identité, pour mieux défaire ce

A abertura ao *Outro* favorece o desenvolvimento de uma “estesia migrante” ou “sensibilidade migratória”, no dizer de Ouellet, que se revela nas “formas de percepção do outro e de apreensão da própria alteridade”; “é a mudança que *faz* o sujeito”, não sendo ele o agente da sua transformação, de forma que a identidade está sempre em movimento interno. Ao falar em literatura “migrante”, Ouellet sublinha que não se refere apenas às obras literárias escritas por autores nascidos em outros lugares e que conservam no discurso literário elementos e valores da cultura de origem, mas também da mobilidade intersubjetiva e intercultural que caracteriza também certos autores autóctones, abertos à cultura do *outro*, à alteridade.

A escritura afigura-se como o lugar de fixação dessa “estesia migrante”, caracterizada pela percepção da alteridade e pelas novas formas de experiências de intersubjetividade ou de relações entre o *si* e o *outro* que existe em si mesmo:

Uma outra ética da subjetividade se desenha, que não se funda mais sobre a estabilidade ou a manutenção do *eu*, mas sobre a movência ou a migrância de *si*, que traz consigo uma nova estética fundada na instabilidade enunciativa, de modo que o migratório, no sentido forte da palavra, define doravante o próprio modo de constituição do sujeito na sua identidade ética e estética, não mais apenas as contingências políticas ligadas ao fluxo das populações e à porosidade das fronteiras culturais<sup>6</sup> (OUELLET, 2005, p. 16-17).

Tornam-se também recorrentes, na literatura contemporânea, as mudanças espaciais dos protagonistas, que, situados temporariamente em outros países e culturas, enfrentam a solidão, o estranhamento e empreendem a busca de si mesmos. Essa abertura à cultura do *outro* se tornou mais frequente nas últimas três décadas na produção literária, fato que pode ser atribuído à globalização e ao advento da Internet em meados dos anos 1980. Surgem com mais frequência, e com recorrência inédita na literatura brasileira, narrativas ficcionais com protagonistas que, momentaneamente deslocados de seu espaço de vida e trabalho, experimentam sentimentos

---

lien originaire et le renouer chaque fois en un nouveau destin, un *autre* devenir qui est aussi um devenir *autre*. (Traduzimos)

6 o original: Une autre éthique de la subjectivité se dessine, qui ne se fonde plus sur la stabilité ou le maintien du *moi*, mais sur la mouvance et la migrance du *soi*, qui entraîne elle-même une nouvelle esthétique basée sur l’instabilité énonciative, de sorte que le migratoire au sens fort définit désormais le mode même de constitution du sujet dans son identité éthique et esthétique, non plus seulement les contingences géopolitiques liées au flux des populations et à la porosité des frontières culturelles. In: (traduzimos)

antes desconhecidos de si mesmo ao se defrontarem com a cultura do *outro*. Conforme o narrador de *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, “a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos” (CALVINO, 1991, p.28).

Na literatura “migrante”, transnacional, que expressa o imbricamento de culturas em um determinado recorte espaço-temporal é marcante a função da memória no processo narrativo. Fundada na mobilidade subjetiva e intersubjetiva, o narrador apela para a presentificação do passado através da memória, desencadeando um contínuo exercício de alteração de si mesmo, que exige um refazer-se a cada instante.

Marc e Jean-Yves Tadié, em *Le sens de la mémoire*, destacam o papel do escritor como “memorialista da mais simples percepção de coisas aparentes” (Tadié & Tadié, 1999, p. 109), associadas aos seres humanos, sobretudo quando esse papel é assumido por romancista ao estilo Marcel Proust, revelador de uma memória afetiva, com sensibilidade que se forma a partir da percepção fina. O retorno ao passado e aos acontecimentos privilegiados pelo relato vincula-se aos laços afetivos que o narrador-protagonista manteve com os objetos, os seres, a vida e com ele mesmo, de modo que a impregnação afetiva do vivido conta mais do que a sua qualidade.

Segundo os autores, “a intensidade dessa reação afetiva face a uma percepção é inteiramente independente de nossa vontade, ainda que ela dependa de nossa personalidade e esteja, portanto, na origem de uma rememoração involuntária” (Id., p.112)<sup>7</sup>. Os autores de *Le sens de la mémoire* assinalam outro aspecto da entrada das lembranças, relativo ao “registro do contexto no qual se desenrola o fato principal que vai ser memorizado” (Id., p. 117)<sup>8</sup>. Algumas vezes, pode-se ter a lembrança de um contexto geral, por exemplo, de um local em que se estava quando houve certo acontecimento ou do aspecto de uma rua, mas os detalhes exatos não são gravados. Em contrapartida, esses detalhes são muito mais presentes e precisos no contexto de uma lembrança adquirida por estímulo afetivo: “cada percepção do mundo exterior desencadeia em nós uma impressão de intensidade variável, agradável ou desagradável, carregada, portanto, de afeto” (Id., p.117)<sup>9</sup>. Um acontecimento particularmente proeminente e afetivamente

---

7 No original: “L’ intensité de cette réaction affective face à une perception est entièrement indépendante de notre personnalité, et soit donc à l’ origine d’ une mise en mémoire involontaire” (Traduzimos).

8 No original: “[...] l’enregistrement du contexte dans lequel se déroule le fait principal qui va être mémorisé” (traduzimos).

9 No original: “chaque perception du monde extérieur general entraîne en nous une impression d’ intensité variable, agréable ou désagréable, chargée donc d’ affect”. Idem, p.117. (traduzimos)

marcado produz um “engrama” – traço durável de uma sensação – em torno da experiência vivida, tal “como a queda de uma bomba cava em volta de seu impacto um fosso maior do que ela” (Id., p.118)<sup>10</sup>. A emoção desempenha, portanto, um papel preponderante no funcionamento da memória, pois a maior parte das lembranças é constituída de experiências que tiveram uma carga emocional ou afetiva mais forte do que os demais acontecimentos da vida cotidiana. O fato de a emoção ter um papel fundamental no funcionamento da memória pode ser comprovado quando, ao se explorar o passado, surgem sempre as mesmas imagens, justamente aquelas que tiveram uma carga emocional muito forte.

Vinculado a esse retorno reflexivo ao passado, via memória, situa-se o “romance memorial”, assim designado por Régine Robin, para as narrativas de um indivíduo ou grupo que se volta para o passado, para refletir sobre ele, e, nesse ato, modifica-o, inventando lembranças, ou, ao contrário, tentando recuperar acontecimentos tal como ocorreram (Cf. Robin, 1989, p.48). No discurso do narrador, encontram-se disseminados

O conjunto de textos, de ritos, de códigos simbólicos, imagens, representações, que misturam, em um emaranhado cerrado, à análise das realidades sociais do passado, comentários, julgamentos estereotipados ou não, lembranças reais ou narradas, recordações encobridoras<sup>11</sup>, do mito, ideológicas e a ativação de imagens culturais ou sintagmas, vistos, lidos, ouvidos que vêm se aglutinar à análise (ROBIN, 213, p.3)<sup>12</sup>.

Robin considera que não há memória coletiva sem o romance memorial, sem esse “hibridismo de formas, sincretismo de um real já tomado como representação” (Robin, 1989, p.49).

Na escritura migrante a perspectiva memorial está presente e revela-se no processo discursivo pelo qual o escritor liga o seu próprio passado ao de seus ancestrais, ou seja, recupera a história familiar, que passou por

10 No original: “comme la chute d’ une bombe creuse autour de son impact une fosse plus grande qu’elle”. Idem, p. 118. (traduzimos).

11 Robin retoma aqui o conceito de Freud de “recordação encobridora”, proveniente da infância, que se caracteriza pela nitidez da lembrança em contraste com a sua aparente insignificância quanto ao conteúdo. A sua análise leva a experiências infantis importantes e a fantasmas do inconsciente. Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 560

12 No original: “l’ensemble de textes, de rites, de codes symbolique, d’ images et de représentations où se mêlent dans une intrication serrée l’ analyse des réalités sociales du passé, des commentaires, des jugements stéréotypés ou non, des souvenirs réels ou racontés, des souvenirs écrans, du mythe, de l’ idéologique et de l’ activation d’images culturelles ou des syntagmes, vus, lus, entendus qui viennent s’ agglutiner à l’analyse” (traduzimos).

processo de emigração, a herança cultural da família de origem (mitos, literatura oral ou escrita, língua, valores...), as dificuldades de adaptação a um novo País e cultura. A escritura migrante revela que memória e identidade nutrem-se mutuamente, pois, conforme observa Joël Candau, “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (Candau, 2012, p. 19).

*Nur na Escuridão*, de Salim Miguel, é um caso de romance que reúne algumas das características apontadas a respeito da alteridade, da memória, da movência, do confronto de culturas, sobretudo a de origem do narrador – a libanesa – e a do país de acolhida – o Brasil –, mas também há o confronto dos imigrantes libaneses com os alemães que chegaram muito antes no País, no século XIX.

*Nur*, em árabe, que significa luz, é a primeira palavra portuguesa compreendida pelo libanês Yussef responsável pela família, quando um taxista carioca acende um palito de fósforo para ler o endereço de um patrício na caderneta do imigrante Yussef e pronuncia a palavra LUZ. *Nur* alude, simbolicamente, à iluminação que advém do ato de recordar o vivido para compreendê-lo, como Dom Casmurro faz nas suas memórias, tentando “atar as duas pontas da vida” (Machado de Assis, 1999, p. 15). O narrador do romance de Salim Miguel rememora a história da família libanesa em seus deslocamentos pelo País de acolhida, até a fixação derradeira em Florianópolis, articulando as suas lembranças às memórias dos pais a respeito da vida no Líbano, da decisão de partir, das adversidades enfrentadas, trajetória feita de percalços, mas também de alegrias. Trata-se de um narrador que simula uma terceira pessoa, e passa a narrar a saga da família dos imigrantes libaneses com uma proximidade de um Eu-testemunha. No processo de construção identitária, o narrador revela a importância desse trabalho de articulação do presente com o passado familiar, processo no qual as duas culturas e os idiomas árabe e português também se mesclam.

Por sua proximidade do núcleo familiar e a sua necessidade de reconstituir o itinerário da família, pode-se inferir que o narrador afigura-se como filho mais velho, que chegou ao Brasil aos três anos de idade<sup>13</sup>.

---

13 Obs: O filho mais velho chama-se Salim no romance, anunciado nas memórias do pai escritas em árabe (p. 56), e o sobrenome da família passa a ser Miguel no Brasil. Esses dados aproximam o romance da autoficção. Embora o romance de Salim Miguel apresente um perfil de autoficção pela presença de nomes de sua família do autor, a sua origem libanesa, a coincidência da data de chegada ao Rio de Janeiro na vida real e na ficção (em 1927), o narrador não revela abertamente a sua identidade. Serge Doubrovsky considera que deve haver a coincidência entre nome do narrador com o do autor. Essa discussão não é o foco do presente artigo, ainda que a escritura migrante seja, seguidamente, autoficção. Cf. VILAIN, Philippe, 2009, p. 11-12.

Cita o pai, as suas palavras, atitudes e valores ao longo da vida; cita o diário do pai escrito árabe e relata a sua morte, assim como recupera a figura da mãe e dos irmãos. No processo narrativo, evita utilizar o pronome possessivo diante dos substantivos “pai” e “mãe”. Os detalhes da chegada ao Brasil, na Praça Mauá, no RJ, e a procura do patrício que os acolheu, antes de reencontrar a tia na cidade de Magé, situada a 62 quilômetros da cidade do RJ são colhidos nas recordações familiares. O destino sonhado era o México como porta de entrada para os EUA, onde reencontrariam os irmãos de Tamina, mulher de Yussef, mas no Porto de Marseille constaram que era impossível fazer este trajeto e optaram pelo Brasil.

No romance, a recordação do passado traz de volta o Líbano que a família abandonou em busca de um lugar talvez melhor, onde houvesse trabalho, oportunidades, bem como os deslocamentos pelo Brasil até a fixação derradeira em Florianópolis. Surgem também na memória familiar as adversidades e mesmo preconceitos, por parte de imigrantes alemães, em relação à família dos libaneses na primeira cidadezinha de Santa Catarina onde fixaram residência, São Pedro de Alcântara.

Três epígrafes do romance - fragmentos de Shakespeare, Faulkner e Cruz e Sousa - falam da memória vívida. O excerto de Faulkner parece resumir o tema dominante na narrativa: “O passado nunca está morto; ele nem mesmo é passado” (Faulkner, apud Miguel, 2008, p.7). Esse paratexto anuncia a linha de força do romance de Salim Miguel: um mosaico de memórias que se cruzam e se alternam (do pai, mãe, filho e de amigos conquistados no Brasil), organizadas pelo narrador principal, empenhado em compreender esse passado e inserir-se nele. No romance, o passado torna-se presente, trazendo os traços da cultura libanesa entretecidos à da brasileira e às identidades em devir, em mutação.

Trata-se, então, como já referimos, da saga de uma família de imigrantes libaneses que chegam ao Brasil em 1927: três adultos, pai, mãe e irmão e três crianças, filhos de Yussef e Tamina. O narrador organiza as memórias dos demais componentes da família e, inclusive, insere trechos da autobiografia do pai<sup>14</sup>, escritas em árabe no relato intitulado “Minha Vida”, que o narrador mandou traduzir. As memórias do pai são também colhidas de depoimentos orais, em reuniões com a família, em que o pai vai narrando aos filhos e às noras partes do vivido, desde a saída do Líbano. Essas me-

---

14 Na primeira folha de rosto do livro, Salim Miguel agradece a Alia Haddad pela tradução do árabe da autobiografia de José Miguel, cujos excertos são inseridos no decorrer da narração do romance *Nur na escuridão*, assim como são recuperados os depoimentos orais do pai e os mãe, que ficaram gravados na memória do narrador.

mórias paternas, não lineares, são preponderantes na primeira metade do romance, pois falam das origens, das condições de vida no Líbano, da pressão da esposa Tamina para emigrarem, como fizeram os irmãos e seu pai, partindo em busca de oportunidades de emprego, de melhores condições de vida, pois no seu País só havia:

Crise. Dificuldades. Por todo o Líbano, raras as oportunidades de trabalho, empregos escasseiam. O marido sai em busca do que fazer, não tem nenhuma especialidade, mas várias habilidades; a mulher cuida da casa, atende os irmãos (Miguel, 2008, p. 61).

Para aqueles que emigram em busca de oportunidades de uma vida digna, de um futuro bom para os filhos, o presente é permeado de dúvidas, de medos diante de um futuro incerto. O lugar de acolhida nem sempre é o desejado, mais seguidamente aquele que oferece a oportunidade. Pierre Ouellet sublinha:

Aquele que se desloca não está nunca em seu lugar. Aquele que ele deixou existe somente na sua memória dolorosa, votada ao luto e ao desprendimento, formas salutares da amnésia que acompanha a sua transumância na história, sua passagem de um espaço-tempo a outro, e aquele que o acolhe existe apenas no sonho ou em uma imaginação mais ou menos quimérica, que é destinada às desilusões e aos arrependimentos, formas salvadoras de esperança que contrabalançam o engodo de um futuro por assim dizer melhor, contrariado pelos dissabores e desapontamentos. (Ouellet, op. cit., p. 11-12).<sup>15</sup>

As memórias do narrador centram-se mais nas vivências em Santa Catarina, onde ele cresceu e foi paulatinamente compreendendo a saga familiar. Pela mesma razão, no início do romance, quando predominam memórias do pai ou da mãe, a respeito da vida no Líbano, a viagem e a chegada ao Rio, há uma hibridação linguística mais acentuada, com muitos vocábulos árabes. É nítida a cisão interna do pai, já que situado em outro País e cultura, afastado das origens, mantém viva a memória de sua

---

15 Original: “Le déplacé n’est jamais à sa place. Celle qu’ il a quittée n’ existe plus que dans sa mémoire douloureuse, vouée au deuil et au détachement, formes salutaires de l’ amnésie qui accompagnent sa transhumance dans l’ histoire, son passage d’un espace-temps à un autre, et celle qui l’ accueille n’ existe jamais que dans un rêve ou une imagination plus ou moins chimérique, vouée qu’ elle est aux désillusions et aux regrets, formes salvatrices de l’espoir qui contrebalancent le leurre d’un avenir soi-disant meilleur contrarié par les déboires et les mécomptes de toutes sortes. (traduzimos)

*maksuna*, sua terra, bem como as leituras dos poetas árabes como Omar Khayam, Hafiz, e das narrativas das *Mil e Uma Noites*. Ressurgem assim as vivências no Líbano, a herança cultural, os hábitos alimentares e as formas de lazer, como o hábito de jogar gamão. O pai cantarolava canções árabes e citava excertos de poemas de Omar Khayam nas reuniões de família: “Vim para o mundo sem saber por que/ nem de onde vim, qual água cascadeando/ E dele saio como vento, à toa/Que nunca sabe para onde vai soprando”(Apud Miguel, 2008, p.19).

No momento da morte de Yussef, a língua materna, o árabe, torna-se quase tão presente quanto no momento de sua chegada ao Brasil e os primeiros anos de vida longe de sua terra:

Yussef “mistura palavras de português e árabe, diz: quero ir para minha *bait*, minha casa, pra minha terra/ *maksuna*, por que a *tagarrada*, emigrar não melhora.... se perde, cala um tempo, imagina estar em Biguaçu, quer falar com o primo Abraão, com Joãozinho, pergunta se viram João Dedinho... – e de repente eis uma única palavra que repetia – *garib*, repetindo-a para todos que vinham visitá-lo nos últimos tempos... (Id.p. 315)

Sente-se até o fim um *garib*, um estrangeiro, apesar de todo tempo vivido no Brasil, mas foi incorporando à sua identidade a cultura de acolhida, da Biguaçu onde fez amigos. Essa abertura à alteridade favorece o desenvolvimento da referida “sensibilidade migratória”, de acordo com Ouellet, revelada nas percepções do *outro* e de si próprio, com aspectos desconhecidos e/ou em mutação (OUELLET, op. cit., p. 6).

Assim, passado e presente imbricam-se no processo narrativo no romance de Salim Miguel, em que o primeiro narrador, filho do imigrante, acolhe no seu relato principalmente as memórias do pai, escritas e faladas, mas também as recordações da mãe relatadas oralmente, bem como as suas próprias reflexões. A rememoração do passado, quando efetuada oralmente pelo pai ou em excertos de sua autobiografia, traz consigo os sentimentos do imigrante apartado de sua terra e o estranhamento experimentado nos seus deslocamentos pelo País de destino. No romance, os vocábulos árabes são os que melhor expressam sentimentos pungentes e indeléveis, próprios da condição dos que vivem em um entre lugar cultural. As recordações inscritas na narração remetem aos sofrimentos vividos no Líbano – desemprego, humilhações, dificuldades de manter a família –, às aflições da viagem, às agruras dos primeiros tempos, à hostilidade dos imigrantes alemães em Santa Catarina, à mudança para Biguaçu

e, finalmente, à fixação em Florianópolis. Nesta cidade, a família libanesa conseguiu, com o passar dos anos, adquirir um pedaço de terra e construir, com empréstimo bancário, a primeira casa própria.

O relato das memórias pessoais, com as árduas lutas cotidianas, é marcado também pela rememoração dos fatos históricos do século XX; aglutinam-se imagens dos acontecimentos europeus, como a II Guerra e a ditadura de Franco na Espanha, dos eventos históricos brasileiros, como a Revolução de 30 e o Estado Novo. Tudo é acompanhado pelas notícias transmitidas por jornais e pelo rádio Phillips, companheiro inseparável de Yussef até o final da vida, sobretudo quando ler já era uma dificuldade que veio com a idade. O passar do tempo apenas confirma um mundo sem perspectiva e sem humanismo:

A lenta passagem dos anos. A rotina. O adaptar-se. A dúvida: o que é e o que não é rotina? O mundo em convulsão. O país em convulsão. Esperanças (e existiriam?) se esboroam. Tudo em vão. É um viver morno, sem perspectivas. Os sonhos de melhora com a vitória de Getúlio, sumidos. A inexorável sequência de acontecimentos que vão marcando a nação: a revolta paulista de 1932<sup>16</sup>; a chamada Intentona Comunista de 1935<sup>17</sup>, a decretação do Estado Novo, em novembro de 1937; o *putsch* integralista em maio de 1938; a aproximação de Getúlio com a Alemanha, namoro que duraria anos (Miguel, 2008, p. 141).

Yussef, com “sua formação humana, sua visão do mundo, suas preocupações sociais”(Id., p.186). Sofre com os acontecimentos políticos do Brasil, País que não mais imagina deixar, mas pensa que “gostaria de viver e viver num país mais fraterno, sem tantas desigualdades sociais, mais solidário”(Id., p 186). Na rememoração do passado, surgem os brasileiros que se integraram e fizeram amizades com a família libanesa. No capítulo 26 do romance, intitulado “Perfis”, as memórias de Yussef compõem um painel das pessoas que compartilharam de seus sonhos e dificuldades. Elas também tiveram as suas dores e lembranças como o Tio Adão, que recorda o passado, o tempo da escravidão, pois ele tinha uns 40 anos quando foi

---

16 A Revolução Constitucionalista de 1932, Revolução de 1932 ou Guerra Paulista, foi o movimento armado ocorrido no Estado de São Paulo, Brasil, entre os meses de julho e outubro de 1932, que tinha por objetivo a derrubada do *Governo Provisório* de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova constituição para o Brasil.

17 Intentona Comunista foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas, realizado em novembro de 1935 pelo Partido Comunista Brasileiro em nome da Aliança Nacional Libertadora.

proclamada a libertação dos escravos. Assim como Yussef trazia na sua memória os contos das *Mil e uma Noites*, Tio Adão sabia as lendas africanas, tinha conhecimento das curas pelas ervas, poções mágicas.

No penúltimo capítulo, intitulado “Mortos”, são recordados aqueles familiares que faleceram antes de Yussef: a esposa Tamina, o filho caçula Samir e a filha Fádua; essa viveu sempre em casa cuidando de todos, sem um projeto pessoal. E o capítulo derradeiro, intitulado “Sementes”, relata a agonia final do pai, que aceita a morte como um encontro com Tamina e os filhos falecidos e aponta para o futuro, projetado nos filhos e netos que permaneceriam.

No romance de Salim Miguel, a escritura se afigura com um lugar de fixação da estesia migrante diante da movência, da alteridade e do contínuo reconstruir-se. Decorre disso a necessidade de o pai Yussef escrever em árabe a sua autobiografia.

A sensibilidade para entender o *outro* e captar também a própria sensibilidade em devir, é perceptível na criação ficcional de Salim Miguel, que escreve também o romance intitulado *Jornada com Rupert*, relato da saga de um imigrante de origem alemã, da comunidade de Blumenau. Nesse romance, o narrador carrega e elabora também a memória dos antepassados alemães, que ali se instalaram no século XIX, com suas dificuldades e suas esperanças.

Centrada na questão da alteridade, essa produção literária - transnacional ou migrante, no sentido em que a escritura guarda as marcas da migrância cultural, da identidade que se refaz no tempo e incorpora novos saberes e percepções - fundamenta-se no contraste entre modos de ser, no cruzamento de vozes, no confronto de modos de vida, com procedimentos que dão a palavra aos esquecidos, na medida que o narrador articula as suas memórias e histórias às dos antepassados, como forma de compreender melhor o presente. Desse modo, ele ocupa um espaço novo, mas sem abandonar por completo as origens familiares.

Pode-se afirmar, finalmente, que em *Nur na escuridão* reduzem-se as fronteiras entre o ficcional e o autobiográfico, já que a rememoração da saga familiar do narrador aproxima-se muito da história familiar do próprio Salim Miguel. Contudo, inseridas as experiências de vida no âmbito da narrativa ficcional, o autor transita livremente entre o real e a ficção, recriando a vida e oferecendo ao leitor uma compreensão lúcida e sensível da realidade, fundamentada na abertura ao *outro*, nos deslocamentos identitários e nos processos subjetivos que suprimem, via memória, a distância entre o passado e o presente.

**BIBLIOGRAFIA**

- BERND, Zilá. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, nº 23, São Paulo/ ABRALIC, 2013, v.1, p.211-222. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/revista>
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986
- MAALOUF, Amin. *Les identités meurtrières*. Paris: Grasset, 1998.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*. Essai sur Le non-sens comum. Montréal: VLB éditeur, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROBIN, Régine. *Le Roman mémoriel*. L'histoire à l'écriture du hors-lieu. Montréal: Le Préambule, 1989.
- ROBIN, Régine. Structures mémorielles, littérature et biographie. In: *Enquête* (En ligne), 5, 1989, mis em ligne le 27 juin 2013, In: <http://enquete.revues.org/116>, consultado em 17 de julho de 2014.
- SARAIVA, F.R dos Santos. *Novíssimo dicionário Latino-português*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o "real". In: SELIGMANN-SILVA (Org.). *História, memória, literatura*. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: EdUNICAMP, 2003.
- TADIÉ, Jean-Yves & Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1999.
- VILAIN, Philippe. *L'autofiction en théorie*. Suivi de Deux entretiens avec Philippe Sollers e Philippe Lejeune. Chatou (France): Les Éditions de la Transparence, 2009.

*Recebido em: 07/07/2014. Aceito em: 25/07/2014.*